



BOLAÑOS, Aimée G.
Visiones de mujer con alas.
Madrid: Betania, 2016.

Giliard Ávila Barbosa¹

Submetido em 7 e aprovado em 11 de novembro de 2017.

Um convite a um mergulho libertador: eis o que nos oferta Aimée G. Bolaños em seu último livro de poesias, nomeado *Visiones de mujer con alas*.² A obra nos provoca desde o título, com suas escolhas lexicais situando-nos, enquanto leitores, em uma promessa de sagrado-profano que nos leva para um fora-do-tempo. Assim, se, de um lado, as *visiones*

remontam a uma irrupção do sagrado – como os exemplos de Santa Teresa e Joana D’Arc, mulheres conhecidas no Ocidente pelas suas visões –, de outro, a caracterização da mulher a partir da expressão *con alas* – por que não *alada*? – remete a um *estar* em lugar de *ser*, talvez a um *vestir* em lugar de *ter*. Sabemos, então, que nos depararemos com uma mulher que pode voar no instante do verbo, assim como sabemos que as asas que veste podem ser momentâneas. À eternidade do instante que o sagrado possibilita se contrapõe a efemeridade de um *estar* (estar com asas, estar vendo). Para um leitor mais familiarizado com a poesia de Bolaños, o título é confirmação: seus versos conjugam tempo, sujeito e movimento, e escapam aos determinismos e à estabilidade dos sentidos.

Ainda de olhos postos à porta de entrada do universo poético de Aimée, recebemos mais uma mensagem: a de que o voo é mergulho. Na capa, uma mulher-peixe, fragmento retirado de *O Jardim das Delícias*, do pintor holandês Hieronymus Bosch, plana no ar, tendo por veículo um peixe alado. Segurando a própria cauda, ela nos remete ao mítico eterno retorno, um voltar sobre si mesmo que possibilita renovação – e, portanto, transformação. É a união da água, elemento primordial

que remete ao feminino e ao sentimento, e do ar, elemento primordial masculino associado ao intelecto, que permite a essa mulher-peixe sobrevoar o mundo, senhora altiva do próprio destino.

Inebriados pelo que nos suscitam o título e a capa do livro, abrimo-lo e nos deparamos com um sem-fim de fragmentos: Bosch se faz presente para além do portal de acesso à obra e, junto a ele, outras tantas imagens habitam o *poemario*. Em meio aos inúmeros fragmentos d’*O Jardim das Delícias*, encontramos-nos, durante a leitura, com o *Perro semihundido* de Goya e com a *Quimera* de Arezzo, além de uma série de imagens que revelam um percurso pelos museus do Prado, do Louvre e do Vaticano, bem como uma breve passagem pela Catedral de Notre-Dame. O jogo estético que envolve a presença de cada figura é também ele multifacetado: ora a imagem irrompe entre um poema e outro; ora ela anuncia um texto que chega; ora materializa os versos que a precederam. Por vezes, imagem e texto partilham da mesma página e constroem, juntos e ao mesmo tempo, os seus significados.

A visualidade presente na obra extrapola o jogo estético estabelecido entre os poemas de Bolaños e as obras

artísticas com que dialogam. Essas, aliás, apropriadas pela lente da autora, configuram-se por vezes como fragmentos anônimos, recortes oblíquos, criações nascidas do pouso de um novo olhar, de uma nova perspectiva sobre a imagem já canonizada. Em *Visiones*, os próprios versos são dotados de uma plasticidade ímpar; é possível sentir nos dedos a tinta fresca que colore os versos de Aimée. Exemplo disso encontramos no poema “Vislumbre”, cuja plasticidade acompanha o mergulho do sujeito em si mesmo:

*Me veo sumergida
en un mar cíclico
de algas dormidas
y luminosos corales.
Avanzo hacia el fondo.
Allí peces brillantes vuelan
asidos a sus invisibles alas.
Y hay formas fantásticas
tan eternas como mutantes.
Aun más adentro se abre
la oscuridad infinita
con sus acordes opacos.
Presiento que regreso.
BOLAÑOS, 2016, p.14.*

“Vislumbre” carrega consigo cores, luzes, texturas, movimentos: uma tela pintada com palavras. Não apenas nesse poema, mas em todo os 62 poemas que compõem o livro, é pulsante a presença de um sujeito lírico que, tecendo um mundo possível pela imaginação, mergulha em

direção ao mais profundo de si mesmo e elabora, com isso, seus próprios fantasmas – não por acaso a primeira sessão de poemas se intitula *Sombra*.

O livro, aliás, está dividido em cinco partes, todas acompanhadas de epígrafes-fragmento de poetas que constituem arcabouço das tramas tecidas por Bolaños. Por meio da intertextualidade estabelecida entre os versos de Aimée e os de sua constelação literária, nos é dada outra chave possível de leitura. Em *Sombra*, Hildegard von Bingen, Sor Juana Inés de la Cruz, María José Mures e Arthur Rimbaud acompanham os versos de um sujeito lírico a habitar um mundo em que imaginação, memória, fragmentos, sonhos, partidas e regressos são chaves de acesso ao íntimo do eu.

Em *Quimera*, o enfoque aparentemente se desloca das memórias e (re)criações do eu para uma nova função de habitar: a de ocupar o corpo do outro como casa. Aqui, as figurações do ser amado constituem o fio condutor de um sujeito que instaura sua casa no outro e que, aos poucos, a desabita, renascendo da morte desse corpo vazio de amor.

As duas sessões seguintes, *Alada* e *Viajera*, instauram um novo trânsito

do sujeito. Do trajeto que empreende em si e de si para o outro, a mulher registra, então, a partir da morte do amado – que significa também vida e necessidade de partida, partida que instaurará justamente um regresso a si – seus novos percursos cartográficos, percorrendo as galerias dos museus e imaginando, num primeiro momento, o voo de mulheres como ela, percorrendo seus amores e sonhos a partir da contemplação amorosa. Indo dessa contemplação amorosa até as mulheres aladas (algumas carregando consigo mitos – memórias coletivas – e histórias), o sujeito passa à contemplação da terra natal, discutindo o sentido do seu próprio poetar. Aqui, podemos nos perguntar: somos nós que habitamos o espaço ou é ele que nos habita? Estamos em casa? Buscamos a casa? Abrigamos a casa? Somos ela?

Diante de todos os caminhos apontados pelas partes que a precedem, *Narcisa* encerra o livro, sintetizando aquilo que considero a busca e a função desta obra: a de apresentar um sujeito que reflete sobre si e que se (re)pensa no próprio mergulhar. Aqui, inúmeras figurações do duplo questionam as fronteiras entre o que diz o mito do sujeito e o que ele diz do mito, rediscutem o clássico abismo entre a

constituição da voz imaginada e a da mão que escreve o verso, indagam qual limiar distingue a casa que abriga o sujeito do sujeito que se faz casa.

Terminadas as provocações da escrita de Bolaños, voltamos nós à imagem da mulher-peixe, agora constituinte de um fragmento maior, senhora de um universo expandido que também muito diz da nossa ampliação de horizontes a partir dos versos vividos. Insaciados, voltamos ao começo, certos de que ainda nos restam muitas chaves e enigmas por desvendar.

Notes

¹ Professor do Instituto Federal Sul-rio-grandense - Campus Camaquã. Doutorando em Letras, na área de Estudos Literários, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). barbosagiliard@gmail.com

² 109 pp. 2016. Colección Betania de Poesía. E-book gratuito: <https://ebetania.wordpress.com/2016/09/22/visiones-de-mujer-con-alas-de-aimee-g-bolanos/>